

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA: LIMITES, RISCOS E IMPLICAÇÕES ÉTICAS DA SUBSTITUIÇÃO DO VÍNCULO TERAPÊUTICO HUMANO

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND ADOLESCENT MENTAL HEALTH CARE: LIMITS, RISKS, AND ETHICAL IMPLICATIONS OF REPLACING HUMAN THERAPEUTIC BONDS

Lavínia Moreira de Oliveira¹, Yhasmyr Victória Silva dos Santos¹, Maezio Pereira da Silva ².

¹ Acadêmicas do curso de Psicologia da Afya Centro Universitário de Itaperuna, RJ, Brasil.
lavinia.moreira@aluno.afya.com.br, yhasmysantos1@gmail.com

² Professor do curso de Engenharia Civil da Afya Centro Universitário de Itaperuna, RJ, Brasil.
maezio.silva@afya.com.br

Eixo Temático: Inovação, Tecnologia, Sustentabilidade e Transformação Global

RESUMO

A inteligência artificial (IA) tem sido progressivamente incorporada ao contexto da saúde mental, especialmente entre adolescentes, que frequentemente recorrem a essas ferramentas em busca de orientação, escuta e apoio emocional. Diante desse cenário, o presente estudo teve como objetivo analisar os principais riscos, desafios e implicações éticas relacionados ao uso da inteligência artificial nos cuidados em saúde mental de adolescentes. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada em abril de 2026, com buscas nas bases Google Acadêmico e PubMed, utilizando estudos publicados em português e inglês entre 2020 e 2026. Os resultados indicam que a IA pode contribuir de forma complementar para estratégias de triagem, monitoramento e identificação inicial de riscos psicológicos, ampliando o acesso a recursos de apoio. Entretanto, foram identificadas limitações relacionadas à escuta clínica, à empatia, ao julgamento profissional e à compreensão da subjetividade humana, além de riscos associados ao autodiagnóstico, à dependência tecnológica, ao uso excessivo dessas ferramentas e à redução da busca por acompanhamento especializado. Também foram observadas preocupações éticas decorrentes da ausência de supervisão profissional e do potencial de substituição de relações terapêuticas humanas por interações mediadas por sistemas algorítmicos. Conclui-se que a inteligência artificial pode atuar como ferramenta complementar nos cuidados em saúde mental, mas não substitui o cuidado clínico qualificado. Seu uso deve ocorrer de forma ética, supervisionada e articulada à atuação de profissionais, preservando a centralidade do vínculo humano no acompanhamento psicológico de adolescentes.

PALAVRAS - CHAVE: inteligência artificial; saúde mental; adolescentes; psicoterapia.

ABSTRACT

Artificial intelligence (AI) has been progressively incorporated into the field of mental health, especially among adolescents, who frequently turn to these tools in search of guidance, listening, and emotional support. In this context, the present study aimed to analyze the main risks, challenges, and ethical implications related to the use of artificial intelligence in adolescent mental health care. This study consists of a narrative literature review conducted in April 2026, based on searches carried out in the Google Scholar and PubMed databases, using studies published in Portuguese and English between 2020 and 2026. The results indicate that AI may contribute as a complementary tool to screening, monitoring, and the early identification of psychological risks, expanding access to support resources. However, limitations were identified regarding clinical listening, empathy, professional judgment, and the understanding of human subjectivity, as well as risks associated with self-diagnosis, technological dependence, excessive use of these tools, and the reduced pursuit of specialized professional support. Ethical concerns were also observed, arising from the absence of professional supervision and the potential replacement of human therapeutic relationships by interactions mediated through algorithmic systems. It is concluded that artificial intelligence may serve as a complementary tool in mental health care, but it does not replace qualified clinical care. Its use should be ethical, supervised, and integrated with the work of health professionals, preserving the central role of the human bond in the psychological care of adolescents.

Keywords: artificial intelligence; mental health; adolescents; psychotherapy.

INTRODUÇÃO

A inteligência artificial (IA) constitui um ramo da ciência da computação e da engenharia voltado ao desenvolvimento de sistemas capazes de executar tarefas que tradicionalmente exigem inteligência humana, tais como aprendizado, raciocínio e tomada de decisão ¹Ruan e Jiang. Com os avanços tecnológicos e a inserção cada vez mais precoce de adolescentes no ambiente digital, tem-se observado maior presença de ferramentas baseadas em IA em contextos de orientação, aconselhamento e apoio em saúde mental.

A adolescência, conforme definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), compreende a faixa etária entre 10 e 19 anos ³, enquanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) delimita entre 12 e 18 anos ⁴. Nesse contexto, dados globais indicam que cerca de um em cada sete adolescentes apresenta condição de saúde mental, os quais permanecem, em grande parte, não reconhecidos e não tratados, destacando-se quadros de depressão, ansiedade e distúrbios comportamentais. Ademais, o suicídio figura como a terceira principal causa de morte entre adolescentes ⁵.

No campo da saúde mental, um dos principais desafios reside na ausência de modelos mecanísticos robustos para a compreensão dos transtornos psiquiátricos. A complexidade do cérebro humano dificulta a elaboração de modelos claros que expliquem, de forma linear, o desenvolvimento das doenças mentais ⁶. Nesse sentido, a introdução da IA no tratamento do sofrimento psíquico tenciona pressupostos teóricos e práticos da psicologia clínica, suscitando questões éticas acerca de seus impactos na psicoterapia, bem como de seus efeitos sobre pacientes e profissionais ^{7,8}.

A adesão a formas de psicoterapia digital tem crescido entre adolescentes em busca de formas mais acessíveis de escuta e apoio emocional⁹. O acesso contínuo e imediato contribui para a ampliação desse uso, ao mesmo tempo em que simplifica a própria concepção de psicoterapia. De modo crítico, observa-se que esse movimento frequentemente ocorre sem a supervisão de pais ou responsáveis, o que pode agravar situações de vulnerabilidade, uma vez que demandas psíquicas relevantes passam a ser mediadas por recursos limitados, sem acompanhamento clínico adequado.

Entretanto, apesar de sua acessibilidade e disponibilidade contínua, os chatbots não reproduzem integralmente o processo psicoterapêutico, sobretudo pela ausência de escuta clínica qualificada, validação científica robusta e compreensão da subjetividade humana ¹⁰. Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo analisar, por meio da literatura científica, os principais riscos, desafios e implicações éticas relacionados ao uso da inteligência artificial nos cuidados em saúde mental de adolescentes.

MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, realizada em abril de 2026. De acordo com Köche ¹¹, esse tipo de pesquisa tem como objetivo “[...] conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, constituindo-se como instrumento indispensável a qualquer tipo de investigação”. A revisão foi conduzida a partir da seguinte pergunta norteadora: quais são os principais riscos, desafios e implicações éticas relacionados ao uso da inteligência artificial nos cuidados em saúde mental de adolescentes?

As buscas foram realizadas nas bases Google Acadêmico, selecionado por sua ampla abrangência e por integrar diferentes bases de dados, e PubMed, reconhecida pelo extenso acervo de periódicos científicos nas áreas de psicologia e psiquiatria. Para a seleção dos estudos, utilizaram-se os descritores “adolescentes”, “adolescent”, “saúde mental”, “mental health”, “artificial intelligence” e “inteligência artificial (IA)”, combinados por meio do operador booleano AND. Foram priorizados artigos publicados entre 2020 e 2026, considerando a atualidade do tema. Referências anteriores a esse período foram utilizadas de forma complementar quando apresentavam relevância teórica, conceitual ou metodológica para a discussão.

Como critérios de exclusão, foram desconsiderados trabalhos sem acesso ao texto completo, incompletos, resumos, e aqueles cujo público-alvo não corresponde ao foco da pesquisa. Por outro lado, como critérios de inclusão, foram selecionados estudos publicados em português e/ou inglês de até seis anos que abordassem os riscos e as problematizações relacionadas ao uso da inteligência artificial nos cuidados em saúde mental de adolescentes.

RESULTADOS

Os estudos analisados nesta revisão narrativa evidenciaram que a crescente utilização da inteligência artificial no cuidado em saúde mental de adolescentes suscita importantes preocupações clínicas, éticas e psicossociais. À luz do conceito de *phármakon* proposto por Derrida ¹², a inteligência artificial pode ser compreendida como uma tecnologia que, embora se apresente sob a promessa de cuidado e acessibilidade, também carrega o potencial de enfraquecer dimensões relacionais essenciais do processo terapêutico quando utilizada em substituição ao vínculo humano.

Por um lado, os estudos analisados evidenciam que a IA pode atuar como um recurso relevante, sobretudo em estratégias de triagem, monitoramento de sintomas e identificação precoce de comportamentos de risco, como a ideação suicida. Nesse sentido, sua atuação mostrou-se restrita à identificação inicial de riscos e à sinalização de possíveis situações de vulnerabilidade psicológica. Contudo, conforme alertam Lehtmaki⁹ e Yan, Ruan e Jiang ⁷, essa funcionalidade não está isenta de riscos, uma vez que a IA opera com base em padrões algorítmicos que podem gerar interpretações reducionistas, falsos positivos ou negativos, além de não captar a complexidade subjetiva do sofrimento psíquico.

Corroborando tais limitações, destaca-se a ação judicial movida contra a OpenAI e seu diretor executivo, Sam Altman, na qual se alega que interações com um sistema de inteligência artificial contribuíram para o agravamento do sofrimento psíquico de um adolescente. Segundo a denúncia, o chatbot teria validado conteúdos relacionados à ideação suicida e fornecido respostas inadequadas diante de uma situação de vulnerabilidade psicológica¹³. O caso reforça preocupações éticas e regulatórias acerca do uso dessas tecnologias em contextos de saúde mental.

Embora a acessibilidade e a disponibilidade contínua favoreçam a adesão de adolescentes, a inteligência artificial deve ser compreendida apenas como ferramenta complementar, e não substitutiva, ao cuidado profissional especializado^{7,9}, pois apresenta limitações para a realização de diagnósticos clínicos confiáveis, uma vez que a avaliação psicológica exige interpretação contextualizada, escuta qualificada, julgamento clínico e empatia genuína, competências inerentes ao profissional humano⁸; além disso, a ausência de supervisão profissional pode resultar em interpretações imprecisas, autodiagnósticos e narrativas padronizadas, comprometendo a qualidade do cuidado e reforçando o caráter de *phármakon* da inteligência artificial¹², simultaneamente capaz de ampliar o acesso ao cuidado e de fragilizar dimensões fundamentais da prática clínica.

Os estudos analisados apontam como ponto crítico o potencial de dependência dessas tecnologias. À medida que os modelos de linguagem se tornam mais sofisticados e personalizados, ampliam-se as possibilidades de engajamento prolongado dos usuários, o que pode favorecer comportamentos aditivos, especialmente entre adolescentes, cujas funções executivas ainda estão em desenvolvimento¹⁴. Sob essa perspectiva, emergem preocupações de que o uso excessivo dessas ferramentas possa contribuir para processos de empobrecimento cognitivo, afetando habilidades como memória, atenção e pensamento crítico^{15,16}, efeitos que têm sido associados a preocupações quanto ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e ao desempenho intelectual em populações expostas de forma intensa às tecnologias digitais¹⁷.

Além disso, a ausência de julgamento humano nas interações mediadas por IA pode resultar em interpretações imprecisas, diagnósticos equivocados e riscos associados ao autodiagnóstico, sem a devida possibilidade de correção. A falta de supervisão profissional tende a produzir narrativas padronizadas e pouco contextualizadas, comprometendo a qualidade do cuidado e gerando possíveis prejuízos ao indivíduo^{7,8}, o que reforça o caráter de *phármakon* da inteligência artificial¹², simultaneamente capaz de ampliar o acesso ao cuidado e de fragilizar dimensões fundamentais da prática clínica. Nesse contexto, os achados sugerem que os principais riscos associados ao uso da IA em saúde mental decorrem menos da tecnologia em si e mais de sua utilização como substituta de relações terapêuticas humanas qualificadas.

CONCLUSÃO

A presente revisão evidenciou que a inteligência artificial ocupa uma posição ambivalente no cuidado em saúde mental de adolescentes, podendo contribuir de forma complementar para a triagem, o monitoramento e a identificação inicial de riscos psicológicos. Entretanto, persistem limitações relacionadas à empatia, à escuta clínica, ao julgamento profissional e à compreensão da subjetividade humana, além de riscos associados ao autodiagnóstico, à dependência tecnológica e ao afastamento do acompanhamento especializado. Nesse contexto, os achados sugerem que os principais desafios decorrem não da tecnologia em si, mas de sua utilização como substituta de relações terapêuticas humanas qualificadas. Dessa forma, a IA deve ser empregada de maneira ética, supervisionada e complementar, preservando a centralidade do vínculo humano e do cuidado clínico na promoção da saúde mental de adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cockburn, Iain M.; Henderson, Rebecca; Stern, Scott. The impact of artificial intelligence on innovation. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2018. (Working Paper, n. 24449). DOI: <https://doi.org/10.3386/w24449>. Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w24449>. Acesso em: 24 abr. 2026.
2. D'alfonso, Simon et al. Artificial intelligence-assisted online social therapy for youth mental health. *Frontiers in Psychology*, v. 8, p. 796, 2017.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Saúde dos adolescentes e jovens. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente>. Acesso em: 24 abr. 2026.
4. Brasil. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 24 abr. 2026.
5. World Health Organization (WHO). Mental health of adolescents. 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 24 abr. 2026.
6. Rosenfeld, Ariel et al. Big data analytics and AI in mental healthcare. *arXiv preprint*, arXiv:1903.12071, 2019.
7. Yan, Wen-Jing; Ruan, Qian-Nan; Jiang, Ke. Challenges for artificial intelligence in recognizing mental disorders. *Diagnostics*, v. 13, n. 1, p. 2, 2022.
8. Ciliberti, R. et al. Inteligência artificial e a relação de cuidado: perfis éticos. *Medicina Histórica*, v. 7, p. 1-8, 2023.
9. Lehtimäki, Susanna et al. Evidence on digital mental health interventions for adolescents and young people: systematic overview. *JMIR Mental Health*, v. 8, n. 4, p. e25847, 2021.
10. Romero, Miriam; Casadevante, Cristina; Montoro, Helena. Cómo construir un psicólogo-chatbot. *Papeles del Psicólogo*, v. 41, n. 1, p. 27-34, 2020.
11. Köche, J. C. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
12. Derrida, J. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
13. Reuters. *OpenAI, Altman sued over ChatGPT's role in California teen's suicide*. U.S. News & World Report, 2025. Disponível em: <https://www.usnews.com/news/top-news/articles/2025-08-26/openai-altman-sued-over-chatgpts-role-in-california-teens-suicide>. Acesso em: 30 abr. 2026.
14. Araújo, C. A. Impregnação das telas na infância e saúde mental. *Vya Estelar*, 2023. Disponível em: <https://vyaestelar.com.br/impregnacao-das-telas-na-infancia-e-saude-mental>. Acesso em: 24 abr. 2026.
15. Heersmink, Richard. Use of large language models might affect our cognitive skills. *Nature Human Behaviour*, v. 8, n. 5, p. 805-806, 2024.
16. Yan, Lixiang et al. Promises and challenges of generative artificial intelligence for human learning. *Nature Human Behaviour*, v. 8, n. 10, p. 1839-1850, 2024.
17. Desmurget, M. *A fábrica dos cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças*. São Paulo: Vestígio, 2021.
18. Rogers, C. R. The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, v. 21, n. 2, p. 95-103, 1957.